

New perspectives for an interdisciplinary approach to cinema at school.

Novas perspectivas para uma abordagem interdisciplinar do cinema na escola.

Miguel Neta

Agrupamento de escolas Dra. Laura Ayres, Quarteira, Portugal

Pedro Félix

Agrupamento de escolas Dra. Laura Ayres, Quarteira, Portugal

Teresa Carvalho

Agrupamento de escolas Dra. Laura Ayres, Quarteira, Portugal

Abstract

In 2010, at the Avanca International Film Conference in a panel dedicated to Film Literacy, there was presented the communication "The possible contribution of the subject cinema to a classroom without walls", where a pilot project of film teaching was revealed in a school in Quarteira. After just over a decade, this experience has evolved into a new subject that associates film teaching with science. For this new project started in 2017, a specific program and exclusive educational resources were conceived, enabling students attending the 3rd cycle in the Agrupamento de Escolas Dra. Laura Ayres, a pedagogical approach distinct from the other subjects.

Keywords: Cinema at school, Cinema and Science, Film literacy, Curricular autonomy, Pedagogy.

Introdução

Em 2004, duas escolas no Algarve abraçaram o desafio de criar uma área curricular de ensino de cinema. Com o apoio da professora Graça Lobo, responsável pela implementação do projeto Juventude-Cinema-Escola, e a experiência dos professores envolvidos, as escolas EB2,3 de Quarteira e Dr. Joaquim Magalhães, em Faro elaboraram um programa para uma disciplina de Cinema, aproveitando a reorganização curricular proposta no decreto-lei nº 6/2001, de 18 de janeiro, retificado pelo decreto-lei nº 209/2002, de 17 de outubro.

Considerado como "um dos mais ambiciosos projetos do começo do século XXI em Portugal" (Pinto 2011, 91), a iniciativa alargou-se nos anos seguintes a outras (poucas) escolas da região, mas perdeu visibilidade com o avançar do tempo, apesar de ser vista como uma experiência ímpar "no que concerne às possibilidades de crescimento e de ligações dentro da Educação para os Media" (Pinto 2011, 92). A opção por uma área curricular inserida no sistema de ensino público tem sido alvo de algumas discussões e rejeições em fóruns ligados ao ensino do Cinema. No entanto, todas as iniciativas de educação para o Cinema em Portugal convergem para uma participação complementar no ensino formal. Curiosamente, um *policy report* elaborado para o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa por Mariana Liz, recomenda, entre outros, que se inicie "um debate nacional sobre se o cinema pode vir a ser uma

disciplina adicional" a exemplo do que já acontece em França ou Reino Unido.

No painel dedicado à Literacia Fílmica, apresentado na Conferência Internacional de Avanca em 2010, esta questão foi abordada numa comunicação sobre a possibilidade de romper os muros da escola, através da vocação transdisciplinar do Cinema e a necessidade de uma alfabetização para o audiovisual como complemento ao uso tradicional e massificado do livro, principalmente numa época em que os novos meios de comunicação e informação desafiam os modelos formais de ensino.

Dadas as alterações do desenho curricular propostas pelo despacho nº 5908/2017, de 5 de julho, que consagra a possibilidade de adesão das escolas ao projeto de autonomia e flexibilidade curricular, o agrupamento Dra. Laura Ayres (onde a escola EB 2,3 de Quarteira foi, entretanto, integrada) decidiu criar a opção curricular de CineCiência em substituição da disciplina de Cinema, como Complemento à Educação Artística.

Sobre a educação para o Cinema em Portugal

Em 2012, foi dado o primeiro passo para a criação de um Plano Nacional de Cinema (PNC), na sequência da lei nº 55, de 6 de setembro, nomeadamente no artigo 23º, onde o Estado se propunha promover a formação de público escolar através de "um programa de literacia para o cinema". Surgiu de uma iniciativa conjunta da Secretaria de Estado da Cultura e do Ministério da Educação e Ciência e iniciou ainda em 2012 as suas atividades com a coordenação de Graça Lobo, com vasta experiência no projeto "Juventude-Cinema-Escola" no Algarve desde 1997. Neste ano piloto foram promovidas algumas ações de formação envolvendo cerca de 200 professores e 23 agrupamentos de escolas, e começou a ser elaborada uma lista de filmes.

Depois da formação do Grupo de Projeto para o Plano Nacional do Cinema em 2013, na sequência do Despacho 15377 e da posterior mudança da coordenadora a partir de 2014, o Plano adquiriu consistência, sustentado pelos ministérios da Cultura e da Educação, e mantendo a parceria inicial com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema (CP-MC) e com o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA). Além destes parceiros institucionais, o PNC foi somando apoios de outras instituições culturais, das

autarquias, de uma rede de espaços de exibição envolvendo empresas privadas e, sobretudo, de escolas / agrupamentos de escolas. Das 23 escolas iniciais, passou-se para 376 escolas em 2021, cerca de 4000 professores e mais de 83 mil alunos. Este crescimento confirma o interesse e a necessidade de uma educação nacional para o audiovisual e o cinema em particular. Em abril de 2021, antes de ser publicado o despacho nº 65/2022, de 5 de janeiro que integra o PNC no Plano Nacional das Artes consolidando as ações do projeto num período temporal até 2030, foi dado um passo importante com a publicação do site *pnc.gov.pt*. Neste, pode ser consultado um vasto conjunto de recursos onde se inclui uma lista de filmes do pré-escolar ao ensino secundário, uma interessante coleção de dossiês pedagógicos (ainda em construção), uma plataforma de filmes apenas para as escolas inscritas no plano, uma breve bibliografia de publicações sobre o PNC, um glossário de termos cinematográficos, e outras informações sobre as atividades desenvolvidas ou sobre as formações. Paralelamente, iniciou-se a publicação traduzida de uma coleção de livros no Plano Nacional das Artes, editada pela INCM, inaugurada com “A Hipótese Cinema” de Alain Bergala, considerada uma referência da pedagogia cinematográfica. Foi ainda criada uma plataforma pelo Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, com o objetivo de reunir e divulgar os projetos nacionais ligados à educação para o cinema.

O Plano Nacional de Cinema é a derradeira assunção das entidades governativas para a introdução do cinema no ensino formal, como expressão artística. Isso pressupõe a existência de espaços de exibição, nas próprias escolas ou em salas disponibilizadas pelos municípios ou instituições associadas.

No entanto, a criação ou adaptação de salas nos estabelecimentos de ensino e a consequente necessidade de projeção de filmes em espaço escolar não surgiu no século XXI. Já em 1918, o governo de Sidónio Pais, através do decreto nº4:650, no artigo 6º, estabelecia que “nos liceus em que seja possível fazê-lo, uma das salas será adaptada a salão cinematográfico, para os fins a que o regulamento determinar.” E em 1925, o artigo nº 2 da lei 1:748 determinava que em todos os cinematógrafos de Lisboa e Porto fossem realizadas duas sessões educativas por mês para as crianças das escolas primárias, acompanhadas por um professor.

Naturalmente, e à semelhança do que acontecia em outras nações, a vertente educativa, rapidamente passou a uma utilização engenhosa do cinema no processo de educação nacionalista, principalmente após a formação do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) em outubro de 1933, liderado por António Ferro. Também a igreja católica começou a prestar maior atenção ao fenómeno cinematográfico, tal como acontecia nos Estados Unidos, onde surgiram movimentos que pretendiam estabelecer uma moral católica na indústria de Hollywood. Em 8 de maio de 1938, por ação do Pe. Manuel Lopes da Cruz, foi criado o Secretariado do Cinema e da

Rádio (SCR), que apresentava no Rádio Renascença e no diário Novidades uma “classificação moral” dos filmes estreados em Lisboa. Curioso é o facto de, numa época em que não era permitido aos padres frequentarem as sessões cinematográficas, existirem projeções no Seminário dos Olivais, se o contexto histórico e temático se justificassem, e de se iniciarem a partir de 1956, as atividades de um Cineclub Católico em Lisboa.

Foi precisamente nesta época, entre 1955 e 1958, que se realizaram os primeiros encontros nacionais dos Cineclubes Portugueses, que não tiveram continuidade pela pressão do Estado Novo, que levou à criação da Federação Portuguesa dos Cineclubes pelo decreto-lei nº 40572, de 16 de abril de 1956. No entanto, os cineclubes mantiveram sempre um papel fundamental na formação do público e muitos deles têm-se destacado na ação pedagógica junto de escolas, principalmente a partir da última década do século XX.

Entretanto, surgiram alguns acontecimentos que alteraram definitivamente o caminho da pedagogia cinematográfica. Em Portugal, surgiu pela primeira vez um curso oficial de cinema em 1973, que adquiriu o estatuto de curso superior com a reforma do Conservatório Nacional. Também nesta década o desenvolvimento tecnológico possibilitou o acesso generalizado a meios de gravação e reprodução, nomeadamente o sistema Video Home System (VHS), que levou à criação de disciplinas relacionadas com as tecnologias educativas nos cursos de formação inicial de professores nas Universidades do Minho e de Aveiro. Reconhecendo a importância do audiovisual e, particularmente da ação educativa do cinema, as escolas foram-se equipando sucessivamente com leitores de vídeo e televisões, leitores de DVD, computadores, projetores e ecrãs interativos.

Mas o esforço mais evidente para uma aprendizagem da linguagem cinematográfica, surgiu da visão de Roberto Carneiro enquanto Ministro da Educação do XI governo constitucional, quando propôs em 1991 a criação de videotecas escolares, numa coleção de 24 filmes chamada “Os Filmes na Escola”, devidamente acompanhados “por uma brochura de 16 ou 24 páginas, impressa e ilustrada, escrita especialmente por um crítico cinematográfico português, convidado para o efeito” (António 1998, 28). Foi criado um Grupo de Trabalho de Cinema e Audiovisual, que estabeleceu como prioridade os 2º e 3º ciclos do ensino básico. Após um levantamento dos equipamentos tecnológicos das escolas em Portugal, implementou-se um plano de formação de professores entre maio de 1991 e janeiro de 1992. Iniciou-se uma reforma do ensino artístico, tendo-se publicado legislação específica, nomeadamente o decreto-lei nº 344/90, de 2 de novembro, onde se definia, entre outros, o enquadramento do cinema e do audiovisual no sistema educativo, permitindo às escolas oferecer diferentes opções na educação artística genérica no 3º ciclo e no ensino secundário. Apesar de se prever a opção curricular de cinema, o visionamento e análise de filmes foi feito sobretudo

em ações extracurriculares ou em Área de Projeto. Lauro António advertia que a aprendizagem do cinema não deveria ser demasiado sistemática para não se “transformar uma atividade lúdica num novo pesadelo curricular” (António 1998, 29). No entanto, propunha a criação de uma disciplina de Iniciação à Linguagem do Cinema e do Audiovisual no 10º ano, continuando com a História do Cinema Mundial e do Cinema Português e concluindo com a Evolução Estética e Sociológica do Cinema e do Audiovisual no 12º ano.

Tanto o projeto “Os Filmes na Escola”, como o programa “Cinescola” centrado no Instituto Português da Arte Cinematográfica e Audiovisual (IPACA), criado poucos anos depois, não tiveram continuidade nas legislaturas seguintes. A possibilidade de criação de áreas curriculares centradas no ensino do cinema também perdeu efeito, pelo menos até ao surgimento das propostas de 2004 em duas escolas do Algarve. Mas, apesar do vazio resultante das políticas educativas posteriores, a herança deixada pela iniciativa de Roberto Carneiro deixou algumas marcas, com a formação de docentes, às quais se deve associar a ação pedagógica dos cineclubes e de outros organismos do estado, do poder local e da sociedade civil. Mariana Liz destaca a Associação Cultural ao Norte em colaboração com a Câmara Municipal de Viana do Castelo, O Cineclub de Viseu, a Apordoc, a Cinars, Cined e Cinemateca Júnior ligadas à Cinemateca, o projeto Juventude-Cinema-Escola, a Associação Os filhos de Lumière, ou a Zero em Comportamento. No sentido de reunir os projetos e iniciativas nacionais que desenvolvem o cinema envolvendo crianças e jovens, o Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) com sede na Universidade do Algarve criou em 1999 uma plataforma interinstitucional – Primeiro Plano (<https://primeiroplano.ciac.pt/>). Será, até ao momento, a iniciativa mais abrangente de divulgação do que se faz na Educação para o Cinema em Portugal, envolvendo alunos, professores, pais e encarregados de educação, formadores, investigadores e cineastas. Nesta plataforma a disciplina de CineCiência pode-se regozijar de estar incluída.

A disciplina de CineCiência

Quando o agrupamento de escolas Dra. Laura Ayres aderiu ao projeto de autonomia e flexibilidade curricular em 2017, previsto nos normativos legais publicados nesse ano, a escola dos 2º e 3º ciclos de Quarteira que entretanto foi adicionada ao agrupamento, já contava com mais de uma década da experiência de uma opção curricular de ensino do cinema, como componente da educação artística. A disciplina de Cinema corria o risco de se tornar numa disciplina unipessoal, porque os outros professores não tinham formação nesta área, mas também pela indisponibilidade dos docentes para arriscar em iniciar-se num novo modelo para o qual não tinham sido forma(ta)dos. Por outro lado, era uma novidade para os alunos e olhada com desconfiança, uma

vez que os alunos associam o cinema sobretudo a entretenimento.

Alguns alunos já tinham alguma familiaridade com o cinema em contexto escolar, no modelo proposto pelo projeto Juventude-Cinema-Escola, onde algumas turmas participavam desde o início da sua implementação no Algarve. Mas, ao contrário da grande maioria dos projetos de educação para o Cinema, a abordagem adotada pela escola de Quarteira (e também de Faro) nasceu dentro do ensino formal, numa área curricular, com todas as vantagens e condicionantes que as disciplinas tradicionais dos currículos escolares comportam. Os alunos têm que se reunir em grupos/turma num determinado espaço e horário previamente estabelecido, proceder de acordo com um plano de aula e usar as ferramentas habituais. Isto repete-se de hora a hora, dias, semanas, anos.

Como conceber então um projeto distinto com as mesmas regras? Como conciliar a regra com a arte? Esta abordagem já tinha sido levantada por Alain Bergala: “une institution comme celle de l’Education nationale peut-elle prendre en compte l’art (et le cinema) comme un bloc d’altérité” (Bergala 2006, 32).

Em primeiro lugar, deve-se aproveitar as oportunidades que são colocadas à disposição. De acordo com o princípio descrito no despacho de 2017 referido, que apela à “valorização das escolas e dos professores enquanto agentes do desenvolvimento curricular, procurando garantir que com autonomia e flexibilidade se alcançam aprendizagens relevantes e significativas para todos os alunos”, o professor de artes visuais com formação em cinema e professores da área de ciências, reuniram-se para delinear um *novo* projeto de articulação artístico-científico (aliás a novidade é relativa porque são conhecidas várias abordagens curriculares de cinema com as ciências, nomeadamente na América Latina, mas em cursos superiores).

Sabendo nós que as expressões artísticas, e o cinema em particular, têm uma vertente transdisciplinar, podíamos propor a hipótese de abordagens criativas na relação com as ciências. Como já havia um conjunto de recursos didáticos criados especificamente para a disciplina de Cinema, a redação do programa da nova opção curricular teve em consideração o ensaio de mais de uma década na escola com a opção artística e os novos documentos orientadores entretanto publicados pelo Ministério da Educação.

A criação desta nova disciplina implicou a definição de Aprendizagens Essenciais (AE), para cada um dos anos de escolaridade do 3º ciclo, que contribuissem para o desenvolvimento das competências previstas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Assim, a sua elaboração teve por base os seguintes princípios orientadores: assunção da importância da natureza transdisciplinar das aprendizagens, da mobilização de literacias diversas, de múltiplas competências, teóricas e práticas, promovendo o conhecimento científico, a curiosidade intelectual, o espírito crítico e interventivo, a criatividade e o trabalho colaborativo; a assunção

das artes, da ciência e tecnologia, do desporto e das humanidades como componentes estruturantes da matriz curricular das diversas ofertas educativas e formativas e a valorização do trabalho colaborativo e interdisciplinar no planeamento, realização e avaliação das aprendizagens.

As AE de CineCiência pressupõem a centralidade do trabalho prático, privilegiando a metodologia de trabalho de projeto, por forma a desenvolver a capacidade de expressão, de comunicação, de criatividade e sentido crítico, estimular a autonomia e contribuir para a capacidade do aluno de desenvolver relações interpessoais.

Os trabalhos práticos, realizados em grupo, têm como temática a Ciência devendo ser abordadas aprendizagens essenciais da disciplina de Físico-Química, utilizando vocabulário científico próprio desta e/ou aspetos relacionados com os domínios da Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, articulados com o cinema e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), com a finalidade, sempre que possível, de elaborar recursos educativos.

Pretende-se que os alunos, em interação com os seus pares, e recorrendo a linguagens específicas do Cinema e das TIC, realizem produtos cinematográficos que permitam aumentar o interesse pela Ciência, incentivar o pensamento científico e estético, e encontrem as suas próprias motivações para as aprendizagens.

No 7º ano, os alunos são confrontados com a pré-História do Cinema e elaboram dois brinquedos óticos (taumatrópio e zootrópio). De seguida, visionam pequenos filmes ou excertos de filmes de animação com as técnicas de *stop-motion* e *pixilação*, e iniciam-se no processo de execução de um pequeno vídeo aplicando a técnica de pixilação, cumprindo as fases básicas pré-produção (guião, storyboard e divisão de tarefas), produção (registro fotográfico) e pós-produção (edição em software específico).

O 8º ano começa com um exercício de sonoplastia, com a recolha e edição de sons sobre um excerto de um filme de animação escolhido, depois de uma abordagem científica básica sobre as propriedades do som. Continua com um novo exercício sobre métodos de montagem, antecedido do visionamento de exemplos. Termina com o estudo de várias etapas da escrita de um guião, para preparar o projeto do ano seguinte.

No 9º ano, o último deste percurso, é solicitado aos alunos a realização de uma pequena curta-metragem, onde aplicam os conhecimentos adquiridos nos anos anteriores e novas noções sobre recursos narrativos.

- Executa, corretamente, instruções e/ou técnicas, previamente ilustradas ou demonstradas.

- Utiliza corretamente modelos.

- Planifica o trabalho prático e reformula-o (quando necessário).

- Domina linguagens específicas.

- Articula conhecimentos numa perspetiva interdisciplinar.

- Interpreta e aplica modelos.

- Aplica técnicas.

- Procura soluções criativas.

- Comunica uma ideia através de imagens.

- Domina linguagens específicas.

- Divide tarefas.

- Colabora com os colegas na execução dos trabalhos práticos.

- Gere de forma autónoma e responsável as várias fases do trabalho.

Tabela 1 – Competências transversais aos trabalhos práticos da disciplina de CineCiência

Para a concretização dos trabalhos práticos, os alunos recorrem a diversas ferramentas e meios tecnológicos: os meios tradicionais de desenho e texto, câmaras de filmar (e tripés); telemóveis, quadros interativos ou projetores, computadores com acesso à internet, para pesquisa, exploração de software de edição de texto (Celtx) e de imagem e som (Shotcut), além da plataforma Classroom para consulta de documentos e arquivo dos trabalhos.

A partir de temas de ciência, pretende-se que se realize uma efetiva educação para o cinema, mas também para o audiovisual e imagem em movimento, na época do ecrã global "(...) do ecrã omnipresente e multiforme, planetário e multimidiático." (Lipovetsky/Serroy 2007, 10).

Para análise cinematográfica estão contemplados 82 títulos de uma lista de filmes (v. filmografia) que percorrem um espaço temporal de 1889 até 2012. Foram feitos DVD's temáticos exclusivos, acompanhados por respetivos documentos em PDF. Dividem-se em vários conteúdos, de acordo com os projetos propostos: pré-cinema, cinema de animação, escala de planos, métodos de montagem e recursos narrativos. Apesar do complemento em PDF, a quantidade de curtas-metragens e/ou fragmentos de filmes usados, anuncia um paradigma pedagógico, em que o manual escolar, o texto escrito, tende a ser gradualmente substituído pelo contexto audiovisual,

e em particular, o *excerto do filme*. Não se pode considerar que este paradigma seja completamente novo, porque já em 1922, segundo testemunho de Hugh Weir, Thomas Edison, terá profetizado que “(...) the motion picture is destined to revolutionize our educational system and that in a few years it will supplant largely, if not entirely, the use of textbooks” (Reia-Baptista 2005, 4).

Conclusões

A educação para o Cinema tem vindo a ter cada vez mais importância no âmbito de estudos nacionais e internacionais, e de projetos envolvendo instituições escolares. No entanto, não há registo em Portugal da intenção política/educativa de implementar um grupo disciplinar de docência, ou para formação inicial de professores vocacionada para o ensino do cinema. As formações nesta área iniciaram-se apenas no início da década de 90 do século XX por iniciativa do Ministério da Educação, e desde então resultam da ação de cineclubes, entidades parceiras em projetos institucionais ou, mais recentemente, através Plano Nacional de Cinema. Compreende-se assim que a experiência desenvolvida em Quarteira com a disciplina de CineCiência como oferta complementar de ensino artístico, seja um exemplo singular no ensino da 7ª arte em contexto escolar.

Se a designação da disciplina formaliza a relação interdisciplinar de duas áreas aparentemente distintas, a prática operacionaliza a vocação transdisciplinar do Cinema-Arte ao serviço da formação integral dos alunos: com a língua portuguesa, na redação de guiões cinematográficos (em comparação com textos narrativos e /ou dramáticos) e na utilização de recursos narrativos (prolepse, analepse ou elipses temporais e espaciais...); com a educação visual, na elaboração de storyboards e aplicação da escala de planos (em comparação com noções de enquadramento de pinturas ou esculturas); com a História, em relação com o desenvolvimento temporal e estético do cinema (importância dos momentos históricos na filmografia, ou na evolução estilística e tecnológica do cinema); na educação para a cidadania, pela reflexão sobre as situações do quotidiano (respeito pela diferença, preocupação ambiental, saúde,...); com as tecnologias de comunicação e informação, na utilização dos recursos tecnológicos e de aplicações específicas para armazenar informação, redigir guiões, ou edição de imagem; e até com as línguas e culturas estrangeiras, na utilização de termos específicos, personalidades e na influência de outras cinematografias.

Os produtos dos trabalhos práticos permitem ao aluno o desenvolvimento de competências que se repetem em cada um dos anos de frequência da disciplina no 3º ciclo, mas com grau de exigência crescente e que vão de encontro ao perfil do aluno. Como resultado destes procedimentos pedagógicos, podemos pôr a hipótese de uma descoberta mais cedo para esta área das expressões artísticas, do que aconteceria com um “desenvolvimento «natural» das aprendizagens” (Bergala 2002, 44).

Tanto aos professores como alunos, é dada a possibilidade de trabalhar em conjunto em projetos inovadores exteriores à escola, como por exemplo outros projetos ligados ao cinema em que se podem incluir concursos de vídeo ou o programa Erasmus*.

Relativamente aos professores envolvidos, pelo facto de a disciplina ser lecionada em par pedagógico com docentes de áreas disciplinares diferentes, têm-se criado oportunidades de heteroformação, contribuindo igualmente para maior motivação na prática letiva. Tanto as Ciências como o Cinema contém assuntos apelativos para a maioria dos cidadãos, sendo que, relativamente ao Cinema, qualquer um se pode considerar semi-especialista e pode ascender à categoria de *autor* dada a massificação dos meios técnicos e a possibilidade de análise mais precisa das ações, o que “tende (...) a promover a articulação entre a arte e a ciência”. (Benjamin 2006, 232) – a interdisciplinaridade como resultado da atenção ao pormenor.

Foram também os pormenores que permitiram esta experiência em Quarteira, nomeadamente as alterações legislativas de 2002 e 2017. Contudo, a carga horária semanal prevista na matriz curricular para as disciplinas criadas no âmbito do Complemento à Educação Artística, depende da gestão dos recursos humanos disponíveis. É a diretora do agrupamento de escolas e respetivo Conselho Pedagógico que cabe a decisão da continuidade da disciplina de CineCiência, num leque de disciplinas que compõem a unidade de Educação Artística e Tecnológica. Temos verificado que a atribuição de apenas um bloco de 45 minutos semanal, tem condicionado bastante a aplicação da metodologia de trabalho de projeto e o ritmo de trabalho dos alunos. Por outro lado, verifica-se algum *estranhamento* por parte da comunidade educativa. No caso de outros professores não envolvidos no projeto, não parece haver disponibilidade para assumir o risco de abraçar um novo desafio pedagógico. “O Cinema ensina-se?”. No caso dos alunos, a questão é: “O Cinema aprende-se?”, quando têm que escolher entre as várias opções que a escola oferece. Provavelmente essa desconfiança não aconteceria se houvesse a oportunidade de intervenção na disciplina, principalmente no projeto do 9º ano, do especialista - o profissional de cinema/artista -, tal como acontece nos outros modelos nacionais e internacionais de educação para o Cinema que entram nas escolas. Infelizmente, e apesar de estar previsto nas ações estratégicas de ensino da generalidade das disciplinas, a vertente criativa não é operacionalizada nas Aprendizagens Essenciais, porque, apesar de discursos aparentemente progressistas, os alunos continuam amarrados a modelos pedagógicos mais expositivos.

A CineCiência tem que ajudar a quebrar estes muros. O tempo dirá se a experiência que apresentamos poderá dar um contributo positivo para o desenvolvimento de competências dos alunos, numa diferente abordagem interdisciplinar, com e para o cinema.

Bibliografia

António, Lauro, org. 1998, O Ensino, o Cinema e o Audiovisual. Porto. Porto Editora.

Barcoso, Cristina. 2011, A Campanha Nacional de Educação de Adultos e o cinema. 2011. Organizado por Luís Reis Torgal. O cinema sob o olhar de Salazar. 162-191. Lisboa. Círculo de Leitores.

Benjamin, Walter. 1937. A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica. 2006. Organizado por João Barrento. A Modernidade. Lisboa. Ed. Assírio & Alvim.

Bergala, Alain. 2006. L'hypothèse cinema. Paris Petite bibliothèque des Cahiers du cinema.

Capucho, Carlos. 2008. Magia, Luzes e Sombras. Lisboa. Universidade Católica Editora.

Lipovetsky Gilles and Serroy, Jean. 2010. O Ecrã Global. Cultura mediática e cinema na era hipermoderna. Lisboa. Edições 70.

Liz, Mariana. 2022. Educação para o Cinema em Portugal. Lisboa. ICS|OPJ. <https://pnc.gov.pt/bibliografia>. Acedido em 22 de abril de 2022.

Lobo, Maria Graça. 1999. Formação de público para o cinema. Tese de mestrado, Universidade do Algarve.

Lobo, Maria Graça. 2010. How to improve cinema literacy – The experience of Programa JCE in Avanca / Cinema. Edições Cine-Clube de Avanca. Tomo II: 90-98

Monteiro, Paulo Filipe. 2011. Uma margem no centro: a arte e o poder do «novo cinema». 2011. Organizado por Luís Reis Torgal. O cinema sob o olhar de Salazar. 306-338. Lisboa. Círculo de Leitores.

Oliveira, Henrique J. C. 1996. Os meios audiovisuais na escola portuguesa. Tese de mestrado, Universidade do Minho. <http://www.prof2000.pt/users/hjco/auditese/index.htm>. Acedido em 25 de abril de 2022

Pinto, Manuel. org. 2011. Educação para os Media em Portugal. Experiências, actores e contextos. Ed. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

Torgal, Luís Reis, org. 2011. Propaganda, ideologia e cinema no Estado Novo. A «conversão dos descrentes». O cinema sob o olhar de Salazar. Lisboa. Círculo de Leitores.

Reia-Baptista, Vítor. 2002. A Pedagogia dos media. A dimensão pedagógica dos media na Pedagogia da Comunicação: o caso do cinema e das linguagens fílmicas, Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve.

Reia-Baptista, Vítor. 2005. O valor pedagógico do Cinema: os casos Edison e Lenin in "Revista Ámbitos – Revista Internacional de Comunicação". nº 13-14. Universidade de Sevilha: 211-229. <http://www.bocc.uff.br/pag/reia-baptista-valor-pedagogico-cinema.pdf>. Acedido em 26 de abril de 2022.

Filmografia

Monkeyshines nº 1 e nº2. 1889. De William Dickson e Thomas Edison. EUA: Kino On Video: DVD

Buffalo Dance. 1894. De William Dickson e Thomas Edison. EUA: Kino On Video: DVD

Sandow. 1894. De William Dickson e Thomas Edison. EUA: Kino On Video: DVD

Carmencita. 1894. De William Dickson e Thomas Edison. EUA: Kino On Video: DVD

Sortie d'usine. 1895. De Louis e August Lumière. França: Institut Limière/ FranceTv. DVD

Danse Serpentine. 1898. De Louis e August Lumière. EUA: Flicker Alley. DVD

Grandma's Reading Glass. 1900. De George Albert Smith. EUA: Kino On Video. DVD

Let me dream again. 1900. De George Albert Smith. EUA: Kino On Video. DVD

L'homme Orchestre. 1900. De Georges Méliès. EUA: Flicker Alley. DVD

História de um crime. 1901. De Ferdinand Zecca. EUA: Kino On Video. DVD

Fire. 1901. De James Williamson. EUA: Kino On Video: DVD

Le Voyage dans la Lune. 1902. De Georges Méliès. França: Virgin. CD/DVD

The Great Train Robbery. 1903. De Edwin Porter e Thomas Edison. EUA: Kino On Video: DVD

Life of an American Fireman. 1903. De Edwin Porter. EUA: Kino On Video. DVD

The "Teddy" Bears. 1907. De Edwin Porter. EUA: Kino On Video: DVD

El Hotel eléctrico. 1908. De Segundo de Chomón. França: FilMOTECA Cameo. DVD

Les Frères Boutdebois. 1908. De Émil Cohl. França: Gaumont. DVD

The Country Doctor. 1909. De D. W. Griffith. EUA: Image Entertainment. DVD

Mest kinematograficheskogo operatora (A Vingança do Cameraman). 1912. De Wladislaw Starewicz. EUA: Image Entertainment. DVD

The Birth of a Nation. 1915. De D. W. Griffith. Espanha: Divisa Home Video. DVD

Nosferatu. 1922. De F. W. Murnau. Reino Unido: Eureka. DVD

The Lost World. 1925. De Harry O. Hoyt. EUA: 20th Century Fox. DVD

Броненосец Потёмкин (O Couraçado Potiomkin). 1925. De Sergei Eisenstein. Espanha: JRB. DVD

Стачка (A Greve). 1925. De Sergei Eisenstein. Espanha: JRB. DVD

Мамб (A Mãe). 1926. De Vsevolod Pudovkin. EUA: Image Entertainment. DVD

Metropolis. 1927. De Fritz Lang. Portugal: Fnac/Costa do Castelo. DVD

Sunrise: A Song of Two Humans. 1927. De F. W. Murnau. Portugal: Costa do Castelo. DVD

La passion de Jeanne d'Arc. 1928. De Carl Dreyer. Coreia do Sul: Sky Home Video. DVD

The Circus. 1928. De Charlie Chaplin. Portugal: Costa do Castelo. DVD

M - Eine Stadt sucht einen Mörder. 1931. De Fritz Lang. Portugal: New age Entertainment. DVD

Flowers and Trees. 1932. De Walt Disney. EUA: Disney. DVD

King Kong. 1933. De Merian Cooper e E. Schoedsack. Portugal: Costa do Castelo/Público. DVD

Modern Times. 1936. De Charlie Chaplin. Portugal: mk2/Costa do Castelo. DVD

La bête humaine. 1938. De Jean Renoir. Portugal: StudioCanal. DVD

The Great Dictator. 1940. De Charlie Chaplin. Portugal: mk2/Costa do Castelo. DVD

The Magnificent Ambersons. 1942. De Orson Welles. Costa do Castelo/Público. DVD

All about Eve. 1950. Joseph Mankiewicz. Portugal: 20th Century Fox. DVD

Singin' in the Rain. 1951. De Gene Kelly e Stanley Donan. Portugal: Warner. DVD

Strangers on a Train. 1951. De Alfred Hitchcock. Portugal: Warner Bros. DVD

Neighbours. 1952. De Norman McLaren. Canadá: NFB. DVD

Shane. 1953. De George Stevens. Portugal: Paramount. DVD

Vertigo. 1958. De Alfred Hitchcock. Portugal: Universal/Público. DVD

Les 400 Coups. 1959. De François Truffaut. Portugal: Costa do Castelo Filmes. DVD

A Bout de Souffle. 1960. De Jean-Luc Godard. Portugal: Midas. DVD

Psycho. 1960. De Alfred Hitchcock. Portugal: Universal/Público. DVD

Ruka (A Mão). 1965. De Jiri Trnka. EUA: Image Entertainment. DVD

Il Buono, il Brutto, il Cattivo. 1966. De Sergio Leone. Portugal: MGM. DVD

2001: A Space Odyssey. 1968. De Stanley Kubrik. Portugal: Warner Bros. DVD

Ali Babá y los 40 ladrones. 1971. De Hiroshi Shidara. Espanha: Divisa home Video. DVD

Monsieur Pointu. 1975. De Bernard Longpré & André Leduc. Canadá: NFB. DVD

Taxi Driver. 1976. De Martin Scorsese. Portugal: Sony/Columbia. DVD

Apocalypse Now. 1979. De Francis Ford Coppola. Portugal: Midas. DVD

Raging Bull. 1980. De Martin Scorsese. Portugal: MGM/Público. DVD

The Shining. 1980. De Stanley Kubrik. Portugal: Warner Bros. DVD

Conversa Factual. 1982. De Jan Svankmajer. Reino Unido: BFI. DVD

Sledgehammer. 1987. De Peter Gabriel, Stephen R. Johnson, Aardman Animation e Brothers Quay. Reino Unido: Rhino. DVD

O Estranho Mundo de Jack. 1989. De Henry Selick. Portugal: Lusomundo/Disney. DVD

Oozat. 1992. De Darren Walsh. Reino Unido: British Council. DVD

The Wrong Trousers. 1993. De Nick Park. Portugal: LNK. DVD

The secret adventures of Tom Thumb. 1993. De Dave Borthwick. Reino Unido: Manga. DVD

Elisabeth. 1998. De Shekhar Kapur. Portugal: Lusomundo/Público. DVD

Saving private Ryan. 1998. De Steven Spielberg. Portugal: Dreamworks. DVD

Matrix Reloaded. 1999. Andy e Lana Wachowski. Portugal: Warner Bros. DVD

Billy Elliot. 2000. De Stephen Daldry. Portugal: Universal. DVD

A Suspeita. 2000. De José Miguel Ribeiro. Portugal: Zeppelin Filmes. DVD

O Fabuloso destino de Amélie Poulin. 2001. De Jean-Pierre Jeunet. Portugal: Atalanta/Público. DVD

A Selva. 2002. De Leonel Vieira. Portugal: Costa do Castelo. DVD

Creature comforts. 2003. De Nick Park. Portugal: Prisvideo. DVD

Media Magica. 2004. De Werner Nekes. Alemanha: Media Magica. DVD

KaBoom. 2004. De PES. EUA: Paramount. DVD

King Kong. 2005. De Peter Jackson. Portugal: Universal. DVD

Les Poupées Russes. 2005. De Cédric Klapisch. Portugal: Atalanta filmes. DVD

Crosses. 2006. De Duckeye. França: Repérages. DVD

Persepolis. 2007. De Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. Portugal: Midas. DVD

Cave of Forgotten Dreams. 2010. De Werner Herzog. Portugal: Pris. DVD

The Hurt Locker. 2008. De Kathryn Bigelow. Portugal: Lusomundo. DVD

Luminaris. 2011. De Juan Pablo Zaramella. Portugal: Monstra. DVD

Hugo. 2011. De Martin Scorsese. Portugal: Dreamworks. DVD

Rafa. 2012. De João Salavisa. Portugal: Midas. DVD

В Тумане (No Nevoeiro). 2012. De Sergei Loznitsa. Portugal: Alambique. DVD